

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTF Nº 1000

RS

A BOLSINHA MÁGICA DE

MARLY EMBOABA

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Dorges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Fotonovela em um ato

Carlos Queiroz Telles

Teatro de Arena de Porto Alegre

PROLOGO

(Antes de serem abertas as portas da sala de espetáculo, a atriz está junto com o público, na sala de espera. Na hora do início do espetáculo o autor abre a porta da entrada da platéia e percebendo que a atriz está junto com o público, volta para dentro, batendo a porta com violência. A atriz pede desculpas para o público e entra na platéia, fechando a porta. O público permanece na sala de espera. O autor e a atriz discutem violentamente dentro da platéia, ainda fechada. O público percebe apenas que os dois estão brigando, sem conseguir ouvir frases inteiras, mas apenas algumas palavras soltas, que dão a entender que algo de errado está acontecendo, e que o autor não quer que o espetáculo seja realizado, porque o texto ainda não está pronto. A atriz argumenta que o público está esperando e que é preciso que o espetáculo comece logo. Depois de uma pausa, a atriz volta para a sala de espera, abre as portas da platéia e convida o público a entrar, se desculpando pelo atraso e pela discussão hevida. Enquanto o público entra, o autor está no palco, escrevendo a máquina, com rapidez e muita rapidez. Quando estão todos acomodados, o autor arranca o papel da máquina de escrever e se dirige ao público. A atriz, durante o prólogo, permanece na platéia).

AUTOR:

Eu espero que os senhores desculpem o incidente desagradável que aconteceu agora pouco. Para falar a verdade, não deveria haver espetáculo hoje a noite. Quando muito uma leitura ou ensaio. O texto definitivo da peça ainda nem está pronto. Algum afobado da gênica de propaganda colocou o anúncio no jornal, os senhores vieram. Agora vamos ver o que vai acontecer. Por mim, o produtor devia era devolver o dinheiro das entradas! (Aponta para a atriz) Mas aquela senhora lá resolveu que deveria haver espetáculo. Ela é a atriz da peça, e quer representar de qualquer maneira! (pausa) Desculpem eu estar meio nervoso, mas é que eu sou só o autor da peça e vou ter que improvisar hoje a noite. Meu negócio é escrever, não é representar. Mas agora que os senhores já estão aí, seja o que Deus quiser! (Lê o texto que acabou de escrever) A peça vai se chamar "A Solzinha Mágica de Marly Embosbe".

Personagem único:

Marly Embosbe - segundo sua própria definição "professora na teoria e prostituta na prática".

Personagem paralelo:

A atriz que representa o papel de Marly Embosbe.

Personagem acidental:

O autor da peça.

Cenário:

Calçada. Banco de jardim. Poste com placas de indicação de ruas. As placas do poste tem os nomes das cenas e vão sendo mudadas pela atriz.

Bolsa de Marly: deve conter todos os objetos de cena.

Iluminação:

A encenação deve ser realizada com duas formas bem distintas de iluminação, que diferenciem claramente as cenas de personagem das cenas de atriz.

Observações:

Primeira - O texto que vai ser apresentado é totalmente imaginário. As eventuais coincidências com personagens e situações reais são remotas, improváveis e proibidas.

Segunda: - Por força de circunstâncias do enredo, o personagem Doutor Leonardo Aragão tem a profissão de Delegado de Polícia. Ele poderia perfeitamente ser advogado, médico, dentista, publicitário ou mesmo autor teatral.

Em suma: suas ações e seu comportamento nada tem a ver com o exercício de sua profissão, nem permitem generalizações descabidas e inúteis. Por exemplo: antes do espetáculo o personagem pode estar "fazendo ponto" na porta do teatro, entrando pela platéia depois que o público já estiver na sala.

Atriz (interrompendo)

Terceira e última: Entre cada cena de peça, o autor e a atriz discutem o que já aconteceu e irá acontecer com o personagem.

Autor:

Está certo. Mas a direção do teatro pede encarecidamente que os dois não se percam em divagações desnecessárias, de modo a que o espetáculo não encompride inutilmente e todos possam voltar logo para seus casas. Pela atenção de vocês, muito obrigado.

(O Autor se dirige para a sua máquina e começa a escrever a peça)

CENA 1

Autor:

Primeira cena: Inauguração de Marly

Marly:

Meu nome é...

Autor:

Lurdinha?

Marly:

Não.

Autor:

Rosemary?

Marly:

Também não.

Autor:

Marlene?

Marly:

Quisse...

Autor:

Marly?

Marly:

É isso aí. Ego me batizo in nomine pater, figli et espirito santo. Meu nome é Marly. Com Y. Amém. Estou nascendo agora, diante de mim e de vocês. E tenho muito medo. Um medo imenso. Medo desse barulho da máquina de escrever, que é o meu sangue e o meu coração. Por enquanto sei apenas que me chamo Marly.... Mais nada.

(Para ruído de máquina de escrever)

Atriz:

Vamos logo, cara. Começa certo essa peça. Um nome só não me serve pra nada. Continue o texto. Quem é essa tal de Marly que você está inventando? Anda depressa com isso.

(Recomeça o ruído de máquina de escrever que vai diminuindo até desaparecer).

Marly:

Eu nasci em Durinhos. Tenho 25, não...

AUTOR:

Tem 27 anos.

MARLY:

Mes não pareço.

AUTOR:

Parece mais. Parece 30, 32.

MARLY:

Sem que eu gostava de esconder a idade, de parecer menos, de não parecer nada. De nem ser eu mesma, ser outra coisa: Hebe Camargo, Sonia Ribeiro, Norma Bengel, uma chacrete pelo menos. Uma vedete. Uma estrela de fotonovela, caprichete, fustati.... cercada de homens por todos os lados! Isso mesmo! O que eu gosto mesmo é de homem. Bom mesmo é homem. Muito Homem. Homem pra dar e vender. Principalmente pra dar. Dar muito. Dar adoidada! Dar romântica! Dar louquíssima. Dar pra valer! Ai meu Deus.... foi por isso que eu fugi de Durinhos. Não que em Durinhos não tenha homem... Tem sim. Nem que os homens de Durinhos não sejam de nada. Eles são homens sim, mui machos. Mucha mesmo! Os homens de Durinhos são terríveis, garanto. Quer dizer, pelo menos um eu posso garantir. Dos outros eu só sei pelo que ouvi falar. Cada caso! Minhas coleguinhas de normal, não todas, quase todas... quer dizer, todas menos as hipócritas, só pensavam nos homens de Durinhos. Muitas delas eu sei que não aguentaram. Deram que deram. Escondido. Ninguém ficava sabendo de nada.... fora a cidade inteira. Elas deviam muito pro o filho do farmacêutico que errumava pílula para elas. E também pro o filho médico de s senhoras de Durinhos, que errumava receita de pílula para as que não queriam dar pro o filho do farmacêutico. Quem não dava pra um dava para outro. O quente em Durinhos é ser filho de médico ou de farmacêutico.

Mas tinha também o filho do prefeito: Ardomiro Candelária, o popular Nirinho. Esse então era terrível. Comeu metade da minha classe. Juro. Melhorias absolutas. Metade mais uma. O Nirinho era incrível. Ele tinha um fusca preto, com vidro embeçado. Nos domingos a tarde era aquela água. Nesse ponto, Gutinhos não fica nada a dever a São Paulo. Lê a gente também não tem nada para fazer nos domingos a tarde. Sem mãe para amolar. Sem pai para reclamar de hora de voltar para casa. Sem ninguém para encher o saco. Foi o Nirinho que me fez. Num domingo a tarde. Lindo de morrer. Na beira do Jacutinga. É um rio que passa perto de Gutinhos. Ai que arrepiou! Que saudade do Nirinho, do fuscão do Nirinho, da curva do Jacutinga. Do domingo quente em que eu paguei para ver.... e vi! O Nirinho era tão machão.... Nem perguntou se eu era virgem. Viu que eu estava com ~~montada~~ cara de quem queria dar a foi em frente. Graças a Deus! Eu tinha um medo de morrer virgem! Quando ele me convidou para sair no domingo, eu logo vi que tinha chegado a minha hora e a minha vez. Ai eu comprei uma calcinha nova. A calcinha do dia. Pensando bem, foi até bobagem. O Nirinho nem percebeu que eu estava de calcinha zero quilometro. Também ele não podia adivinhar. Nunca tinha me visto antes. Era a primeira vez que a gente saia junto. Quando chegamos na famosa curva do Jacutinga, ele desceu para abrir a porteira do passageiro do pai dele. Não é lindo! Eu perdi a virgindade num passageiro: o passageiro do prefeito de Durinhos. Metade da minha classe passou pelo passageiro do Prefeito de Durinhos. O Nirinho era tão cafona meu Deus. Grosso como ele só! Foi chegando no passageiro e tirando a roupa. Tinha uma cebena lá. E um monte de árvores. Tudo muito diáxreto, como convem ao filho de um prefeito da situação. Eu fiquei bobete, espedada, dura, gelada. Não sabia bem se me fazia de difícil ou dava logo. Ai eu fiz aquilo que a minha consciência mandava, dei logo. Na curva do Jacutinga. Num domingo de setembro. Cheio de sol. Cheio de bichinhos voadores borboleteando pelo ar e de cheiros no chão. Cheiro de capim, Cheiro de escamas de peixe. Cheiro de bosta de cavalo. Cheiro do Nirinho. Grandão. Peludão. Bonitão. Machão! Ai que saudades do Nirinho! E a bobete aqui quase que ia dizendo: Cuidado que eu sou virgem. Mas ai eu pensei que ele podia ficar com medo e fiquei bem quieta. O cavalão veio que veio. Tão bravo que nem percebeu que era o primeirão. Depois eu contei pra ele. Na volta. Ele riu muito e disse que tinha vocação para política, como o pai. Adorava correr fita inaugural. Só que sem padre para benzer a obra, porque casar ele não casava não. O desgraçado me chamou de "Grupo Escolar", "Forum" e "Caixa D'Água". Inaugurede, como uma benfeitoria pública, ele falou. E me deu uma fitinha para guardar como recordação. Esse aqui. (Tire a fita da bolsa). Assobiando o Hino de Durinhos! Assim mesmo! Ai, só pra chatear, eu disse que que ia dar parte dele para um coronel amigo do meu pai. E que ia escuser ele de corrupção e de subversão, tudo junto. Onde já se viu inaugurar com hino e fitinha uma donzela brasileira? Pouca vergonha! Falta de moral e cívica! Em resumo: eu não fui desvirginada. Fui inaugurada! Pelo filho do prefeito de Durinhos. No passageiro sacrossanto da situação. A beira do Jacutinga.

E foi um dia de glória que eu guardei para sempre. Nunca dei parte do Nirinho. Nem em casa, nem na igreja. Nem para mamãe, nem para o vigário, nem para o coronel amigo de papel. Naquele domingo a noite eu dormi feliz. Cantando: Cantando quantos disse faltava ainda para o outro domingo. Para poder dar de novo para o Nirinho. Dar muito. No pesqueiro ou onde ele quizesse. Dormi abraçada no travesseiro, mordendo a fronha de purogôzo. E vida maravilhosa! No dia seguinte de manhã, quando eu cheguei na escola, foi aquela bomba. Tinha um bolo de maeninas no portão. ~~Maximamente~~ E o portão estava fechado. E tinha um aviso pregado no portão. Me lembro como se fosse hoje. Depois eu roubei ele de recordação (Tira o cartaz da bolsa e a mostre para o público). De tanto ler já sei o texto de cor: "SUSPENSA AS AULAS. Por motivo do falecimento do Sr. Ardoniro Candelária, filho do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, ocorrido na noite de ontem em acidente automobilístico. Os alunos estão convidados a comparecer ao féretro que sairá da Câmara Municipal às 14 horas. As mesmas horas, do necrotério da santa casa, sairá o enterro de nossa saudosa aluna, Maria Imaculada Barbosa que viajava no carro acidentado. Aulas em horário normal amanhã. O diretor". Eu fiquei parada, besta, olhando para o cartaz sem querer acreditar. O Nirinho com a Mariuzinha Imaculada! Meu Deus! Que lástima! E pensar que podia ter sido eu. O Nirinho era mesmo muito macho: duas no mesmo dia! Eu a tarde e a Mariuzinha a noite! Entrão eu perguntei pra turma, com muito jeito, se o desastre tinha sido na ida ou na volta do pesqueiro. Ninguém tinha pensado no detalhe. Fomos investigar, tinha sido na ida. Coitada da Mariuzinha. Morreu virgem. E eu fiquei com a glória de ter sido a última donzela de Durinhos inaugurada pelo filho do prefeito. Não fui ao féretro do Nirinho nem ao enterro da Mariuzinha. Voltei para casa e chorei muito. Pacas. Chorei feito uma desgraçada. Resguei a fronha do travesseiro e desfiei a dentada minha calcinha nova. Mamãe perguntou:

AUTOR:

Para que esse desespero, Marly? Você nem era tão amiga assim da Mariuzinha. Graças a Deus! Imagina só. Ainda bem que você não andava com aquela putinha. Todo mundo ia pensar que você também... credo em cruz... é melhor nem pensar nisso. Só tenho pena dos pais dela! Que vergonha! Perder uma filha, vá lá. Deus manda, pode tirar. Mas desse jeito! Desonrada e morte de uma vez só.."

MARLY:

Aí eu parei de chorar e comeci a rir muito. A riri que não acabava mais. E mamãe mandou chamar o médico, porque achou que estava ficando histérica. E o médico veio. Mas quando êle chegou eu já estava boa. Estava ótima. Estava feliz. Estava cantando. Ninguém entendeu nada. Nem eu.

(pausa - ruído de máquina de escrever).

AUTOR:

Fim da primeira cena.

(mudança de luzes)

CENA 2

ATRIZ:

Graças a Deus!

AUTOR:

Segunda cena.

ATRIZ (interrompendo)

Espera um pouco antes de continuar. Isso não é peça de teatro, cara! Isso é conto, crônica, o que disbo você quiser. Mas peça não é. Eu não estou a fim de ficar aqui contando historinhas de menina interiorana. Já fiz muito disso na vida. Arranja outra personagem, vê! Esse não está dando pé.

AUTOR:

Segunda cena. A Vampire de Durinhos.

ATRIZ:

Du então muda a história da Marly. Põe mais ação e menos falatório. Onde é que já se viu uma menina de interior ir chegando assim sem mais nem menos e contando para todo o mundo como é que perdeu a virgindade. Ninguém vai acreditar. (para o público). O Senhor acredita? A senhora acreditou? Eu fiz o possível para dar o recado mas o texto, com o devido respeito, é muito frquinho. Uma fotonovela das mais piegas. Sem pé nem cabeça.

(mudança de iluminação)

AUTOR:

Segunda Cena. A Vampire de Durinhos!

MARLY:

Depois eu vim para São Paulo....

ATRIZ:

Para com a Marly! Eu não quero esse papel, já disse!

AUTOR:

Depois eu vim para São Paulo....

MARLY :

Foi algum tempo depois da morte do Niriinho. Um ano justo. Me lembro bem. P Por cause da missa de aniversário. Nesse dia eu dei no pé. Me mandei para o mundo.

ATRIZ:

Não! Não! Não! Du você muda esse já história ou eu pero agora mesmo. Essa Marly não tem futuro como personagem. Para enquanto é tempo. Você está escrevendo uma estupidez. Inventa outro enredo. (ruído de máquinas). Para com essas máquinas. Eu não vou continuar. Eu não vou....

MARLY:

O último ano que eu passei em Durinhos, foi o mais triste da minha vida. Não sei bem por que, mas eu puz na cabeça que devia ter morrido no lugar da Mariazinha. Ou que ela tinha morrido no meu lugar. Que era eu que devia estar no carro com o Niriinho. Então eu ia ao cemitério todo o domingo, por flores no túmulo da Mariazinha. Escondido. Com medo. Virei uma vampire. A morta viva de Durinhos. Marly-Mariazinha. A que estava morta e a que estava viva. Juntas. De mãos dadas pelas peças de Durinhos. A que deu e a que não

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DEF
CTF Nº 1000

deu pro Nirinho. Comecei a emagrecer e a não comer e a não falar e a não dormir. Tinha noites que eu queria ir dormir na casa da Marizinha. Louca, eu pensei. Estou ficando louca. Louca de pedra! Louca de vez! Na escola, um dia, por engano, a professora na hora da chamada não pulou o nome da Marizinha. E naquele silêncio desgraçado que cresceu na classe eu fiz o pior: Levantei e respondi: PRESENTE! No lugar da morte. A professora ficou olhando para a minha cara. A classe ficou olhando para a minha cara. A cidade ficou olhando para a minha cara. Branca. Fria. Gelada. De pé. No meio da classe. Sozinha no mundo. Marly-Marizinha. Eu e ela. Ninguém riu. Ninguém disse nada. A professora veio até o meu banco. Me olhou nos olhos. Eu aguentei firme. Não podia voltar atrás. Não podia chorar. Nem desmaiar eu podia. Então eu também fiquei olhando para a cara dela. E toda a classe olhando para nós duas. Foi quando eu morri pela primeira vez. Fiquei só Marizinha. Fiquei e outra. A outra e a professora. E eu entre as duas, com meu corpo e meu uniforme e meus sapatos e minha cara de Marly. Foi um tempo pequeno e grande. Não sei quanto durou. Quando eu ressuscitei estava tudo na mesma. A professora, a classe, Durinhos, o mundo. E um silêncio melhor que o universo cobrindo tudo. Só a Marizinha tinha começado a chorar e eu estava chorando também. A professora se chamava Dona Ofélia e Lobato. Eu abracei Dona Ofélia e deixei a blusa dela molhada com as lágrimas da morte. Nunca mais voltei para a escola. Faltavam dois meses para acabarem as aulas. Eu ia perder o ano, os exames e o diploma. Em casa foi um inferno. Choro, reze, grito, pancada. Apanhei de meu pai e apanhei de minha mãe. Chamaram médicos, chamaram padres, chamaram Deus. Me arrastaram até um centro espírita. Me arrastaram para um terreiro de Umbanda. Me arrastaram para um hospital. Me internaram. Me doparam. Me acordaram de novo. Mas eu nunca mais voltei para a escola. O diretor e os professores fizeram uma reunião para discutir o meu caso. Chamaram o inspetor. Depois falaram com meu pai. E me mandaram o diploma em segredo. Era um "ato de caridade cristã" eles disseram. Foi assim que eu me tornei professora. Com o diploma na mão todos acharam que eu ia me curar. Mas eu olhava para o diploma e via o nome de Marizinha ou o meu. Os dois se revezavam. E eu passei a odiar aquele diploma, enquadrado, dourado, pendurado na sala de jantar. Quando eu conseguia ser eu mesma, Marly eu, M Marly inteira, então eu parava e me perguntava: onde foi parar a tua alegria de só pensar em dar feito uma doída. Em só pensar em homem, em cama, em vida, em sexo, em alegria, em cantar, em rir muito por nada. Marly desbocada. Marly desenfreada. Aquela Marly que deu num domingo de sol para o glorioso Nirinho, o peludo desembestado Nirinho? Que merda, pô! Eu ainda louca para continuar dando por aí e sendo obrigada a ficar quieta no meu canto, fugindo de todo mundo e de mim mesma. Possuída como uma desgraçada, leprosa, renegada. Renegada, é isso mesmo! Palavra certa de telenovela. Marly, a renegada! Só nessas horas eu conseguia rir de novo e riri por nada e rir feliz e ser Marly dos pés à cabeça, com minha barriga, meus seios, meu pescoço, meus olhos, minha pele quente, meu cheiro. Um dia que eu estava eu mesma,

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTF. Nº 1020

sem Mariazinha nenhuma pra me atrepalhar, enchi o saco e resolvi dar no pé. Vi que ia me estrepar se continuasse curtindo aquela de ser fúss. Respirei fundo. Voltei para casa. Cetei o diploma em cima da cristaleira e levei ele para o cemitério, embrulhado num jornal. No que eu cheguei em frente ao túmulo de Mariazinha, ele veio forte querendo me segurar por dentro. Mas eu nem dei bola. Abri a portinha de ferro do túmulo e joguei o diploma lá dentro.

Virei as costas e nem misu. Fui direto para o túmulo do Mirinho. Pela primeira vez, consegui ir em paz até a cova do bicho. Cheguei, olhei bem para o nome dele, com aquelas datas grevadas em baixo. E fiquei muito triste. E chorei de verdade. Eu Marly, eu eu mesma, chorei de pena do Mirinho ter morrido. Coitada do Mirinho. E coitada de mim, que passei um ano inteiro como uma espécie de viuva dela. Fiquei tão alegre de estar triste por causa do Mirinho que fui lá fora comprar um monte de flores para por no túmulo dele. Margaridas, crevos, dália, um mundo de flores. Todo o dinheiro que eu tinha na bolsa. Depois voltei a pé para casa. Pulando e rindo, com o coração contente pulando e rindo no meu peito. Eu Marly, eu, eu, eu, eu! Desbocada, alma de puta, cara alegre, vocação de ser feliz! Marly, com Y. Louce para dar de novo para o primeiro macho que atrevessasse o caminho. Mas não em Durinhos. Nunca mais em Durinhos. Passei em casa só para pegar minhas coisas e roubar as economias que mamãe guardava num pote de comota. "O dinheiro dos pobres" como ele chamava. De pobres que se danassem. Eu tinha o suficiente para me mandar de Outinhos. Em cima da cristaleira, a falta do diploma era uma alegria. Então eu percebi que tudo o que a falecida Mariazinha queria era um diploma. E eu achando o tempo todo que era o Mirinho. Santa Mariazinha diplomada, descansa em paz. Fui para a estação de cabeça erguida. Enfrentando as caras todas de Durinhos. As caras gujas de curiosidade mórbida. As caras podres de uma cidade que não era minha. Peguei o primeiro trem para São Paulo. Quando ele saiu da estação me tranquei no toalete, sentei na privadinha e chorei de pura alegria.

AUTOR:

Fim da segunda cena.
(mudança de luzes)

CENA 3

AUTOR:

Terceira cena: Ascensão de uma decáida.

ATRIZ:

Decáida porque você insiste. Por qim ela podia ter ficado em Durinhos mesmo. Para e pensa um pouco. Será que não tem assunto mais interessante para se escrever uma peça? Será que não tem assunto mais importante para se escrever uma peça? (pausa) Eu sei que existem problemas, que é preciso agradar o público, que não adianta ficar forçando a barra com histórias que eles não querem ouvir. E o que eles querem ouvir não dá para dizer. Mas não custa tentar.... Ainda dá tempo de mudar o ênrado.

AUTOR:

Terceira cena: Ascensão de uma decáida.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTF Nº 1000

ATRIZ:

Está bem.... Seja feita a vossa vontade. Mas, pelo amor de Deus, me faz só um favor. Uma coisa simples. Eu peço de joelhos. Dê um jeito de não fazer a Marly cair na vida, tá! Tudo menos ter que representar mais um papel de puta. Desde o começo de peça eu já estava prevendo isso! A coitada de Marly ia acabar mesmo virando a bolsinha. E eu também. Ah... profissão desgraçada!

AUTOR:

Em atenção ao pedido da atriz a terceira cena muda de nome; passando a se chamar: Quem dá mais por Marly?

(mudança de iluminação)

AUTOR:

Tem gente que não gosta dessa cidade. Que reclame o tempo todo que não dá pra viver aqui. O trânsito, a condução, o trabalho, a poluição, os combêu. Reclama de tudo o tempo todo. Falam de sair, de fugir, de mudar, que não aguentam mais nem uma semana, nem um dia, nem um minuto.... Daqui a dez anos vão estar firmes aqui: trabalhando e reclamando.

MARLY:

Eu também echo que essa cidade é uma merda. Mas ~~quaxifazanga~~ com uma diferença. Eu sei muito bem que eu gosto dessa merda. Que eu estou afundada até o nariz. Que se fizer uma ondinha só, desse tamanhinho, eu me afogo na merda. Mas entre uma merda pequena, chamada Ourinhos e uma merda grande, chamada São Paulo, eu fico com a merda maior. O fador é igual. Para falar a verdade, eu fico mesmo é porque foi aqui que eu aprendi a ganhar dinheiro. Dinheiro que dá pra mim comprar minhas coisas, pegar o meu aluguel, pegar o meu cineminha, comer, respirar e dormir sem ter que dar satisfação para ninguém. Vê lê se algum dia eu ia conseguir isso em Ourinhos. Todo mundo está aqui, é por causa da gaita. O resto é desculpa. O meu caso é um bom exemplo de que essa cidade é uma mãe para todos nós. Eu pergunto a vocês: em que cidade grande do mundo, uma mocinha chegada do interior sem dinheiro, sem profissão certa,... bom professora não é profissão, é apostolodade, como dizia Dona Ofélia e eu não nasci para ser apóstola de porre nenhuma... então, como eu ia dizendo, em que outra cidade do mundo uma desempregada como eu ia chegando e arrumando emprego meia hora depois de descer do trem? Nenhuma, eu garanto! Agora, em São Paulo, não. Foi chegar e começar a faturar. Isso aqui é um verdadeiro paraíso! Essa terra é abençoada, eu digo sempre para as minhas colegas de trabalho. Elas vivem reclamando: do tempo, da chuva, do frio! Tudo bobagem. Eu, quando desci do trem na estação da Luz, a primeira coisa que fiz foi comprar um jornal para procurar emprego. Sentei na minha malinha, ali na calçada e comecei a ver aquela enormidade de empregos que tinha: moça para isso, moça para aquilo, faturista, secretária, cardacista, cozinheira, escensorista, enfermeira... tudo menos qualquer coisa que eu soubesse fazer. Li o jornal inteiro. De cabo a rabo. E vi que a cidade precisava de tudo menos de mim. Respirei fundo, joguei fora o jornal, catei meus trens e sai pisando duro. Parei na primeira esquina. Olhei em volta, vi que o ponto era bom e realizei o sonho da minha vida:

cai na vida! Cinco minutos depois de chegar a São Paulo já estava trabalhando. Sem problemas, sem ramorosos, sem ninguém pra me atrepalhar (pauses). Bom, teve uns troços que eu precisava aprender: os mecetes da profissão. No começo andei dando muita cabeçada por falta de orientação mais segura. Coisa simples: saber se um cara vai ou não vai pagar, distinguir cheiro de polícia a meia quadra de distância, tomar cuidado com doenças.... essas coisinhas. Mas tudo isso eu aprendi logo. Mesmo porque, verdade seja dita: depois de um ano de jejum, desde a morte do Nirinho, o que eu estava querendo mesmo era dar. Então, foi só unir o útil ao agradável. O tal "dinehriro dos pobres" que eu tinha afanado de cess deu para alugar um quarto num hotel ali perto da rodoviária. O ponto era muito bom mas tinha só um defeito: podia aparecer algum cara de Durinhos e me reconhecer. Então eu me mudei dali. Fui para os lados da Angélica. Um HD legal, perto de Praça Buenos Aires. Sem bronca com a polícia. Sem ter que dividir quarto com ninguém. O dinheiro que entrava dava até para economizar. Os fregueses gostavam de mim porque pensavam que eu ~~XXXXXX~~ fingia muito bem que gostava de dar. Mas sabem eles que eu não estava fingindo porra nenhuma! É que se fosse o caso eu é que ia pegar para eles virem para a cama comigo. Mas como a tradição de terra manda os homens pagarem, eu só aderi. Em seis meses de profissão eu já era outra. Mais alegre, mais feliz, mais segura mais dona-de-mim-mesma. O que o trabalho faz por uma pessoa não está no gibil! Se eu tivesse ficado em Durinhos, já pensavam que bosta de vida que eu ia levar? Não quero nem pensar nisso. Uma tragédia! Falta de criada, problema com o colégio das crianças, a televisão que quebrou, gravidez, vizinhança, festinhas, bom dia, boa tarde, boa noite.... e todo santo dia o mesmo homem na minha cama! Decididamente isso não é natural. Só pode ser perversão querer levar uma vida dessas! As senhoras me desculpem essa pequena indiscrição, mas cá entre nós, cair na vidinha não é muito pior do que cair na vidona? Ficar curtindo siririca na cuca e tremendo de medo que alguém descubra o que a gente está pensando? Qual é? Juro que eu não tenho nada contra ser dona-de-casa. Cada uma é dona do seu nariz. E do resto também. Eu sou democrática. Respeito os outros e quero ser respeitada. Foi o que me ensinaram lá em casa. Aliás, a única coisa de útil que me ensinaram em casa. Que uma mulher deve manter a compostura e a dignidade em qualquer situação. Que a moral é o que importa! Hoje eu reconheço: papai tinha toda a razão. Seu eu sou o que sou é graças a sólida formação moral que eu recebi: uma profissional consciente, alegre, feliz. Uma mulher realizada. Por tudo isso é que eu adoro São Paulo! Beijinho toda a noite e calçada da esquina em que eu faço ponto. Terra bendita está aqui. Com dinheiro sobrando para fazer a felicidade de todo mundo: banqueiros, bancários, advogados, juizes, soldados, delegados, estudantes, choferes, jornalheiros, jogadores de futebol, artistas e até putas.... gente de toda profissão. Eu sou uma que já tenho fogão, geladeira, televisão a cores, e o que é mais importante: um nome limpo na praça. Nunca atresei prestação.

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
DIE Nº 1000

Nunca pendurei aluguel. Estou quites com a cidade e a cidade está quites comigo. Legal ser uma boa cidadã, não é? Poder dormir toda a noite com a consciência em paz por ter trabalhado honestamente. Não dever nada a ninguém. Isto é que é vida, o resto é conversa. Bom, agora chega de papo esta na hora de começar o expediente e pontualidade é uma coisa que eu sempre respeitei. Tem alguém sozinho aí no público? Homem acompanhado eu nunca provoquei. Quem quer fazer um progreminha? Sua satisfação garantida ou seu dinheiro de volta! Coragem, gente. Vamos lá. O HO é aqui certinho. E então? Hoje eu estou dando a preço de liquidação! Não deixo de cobrar só por cause da ética profissional. Se não eu deixo de graça mesmo.

AUTOR

Ninguém se anima? Ninguém quer Marly, a menina de Durinhos que já foi vampira e jogou fora uma linda carreira de professora primária? Marly que perdeu a virgindade no pesqueiro de Ruzikwakx prefeito de Durinhos? Marly que já nasceu com nome de puta e nem precisou de nome de guerra! Marly e que tem crédito em todas as lojas da cidade? Marly, a que já entrou num consorcio de carros. Marly, a que um dia há queixa de comprar um apartamento pelo BNH! Marly, com açúcar e com afeto? Marly ontem, Marly hoje, Marly sempre? Marly em cada bairro para melhor servir você? Quem dá mais por este Marly, meus amigos? Vamos, o lance é livre. Nossa avaliação é de apenas 100 cruzeiros por noite. Mas é irrisório uma Marly por esse preço.... Quem oferece mais para levar essa Marly para casa. Financiada em até 24 meses, podendo descontar os juros do seu imposto de renda! Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe-tres! Vendida!

MARLY:

Com o devido respeito pelas senhoras presentes, numa hora dessas a gente para, pensa e só pode chegar a uma conclusão: esse mundo é uma bosta! (P) É o mais engraçado é que eu adoro esse mundo, adoro este mundo de bosta, esta vida de bosta, esse b ocooste enorme de cidade de bosta, cheia de bostinhas mas cheia de alegria para quem sabe tapar o nariz como eu e tocar o barco em frente. Com fé e confiança e esperança e caridade e orgulho deste sol abençoado que beija e balança nossos caminhos! Ufa! Bem que dona Ofélia tinha me escolhido para ser a oradora de turma. Se não fosse por cause de falecida Mariuzinha eu ia balançar o coreto de Durinhos, ora se ia... Era capaz até de entrar para a política. Acabar vereadora ou sei lá o que mais. Com toda esse vontade de dar que eu tenho aplicada a cause pública. Eu ia dar para a pátria. Dar para o mundo! Dar para todos os que precisassem. Uma verdadeira mulher pública! Depois, com a pretença que eu tenho de lidar como todo o tipo de gente, ia ser sopo no mel. O que eu não conseguisse na Câmara, conseguia na cama. De pé ou deitada, trabalhando dia e noite pelo bem do povo.... Esta ferro! Isso é que ia ser progresso. Já imaginarem. Eu fazia um projeto. Se os outros não quisessem aprovar, cama com todos eles. Em uma semana o projeto estava aprovado. Trânsito, transporte, alimentação, saúde.... Tudo resolvido na cama! Tranquilamente. Sem demora, porque com Marly mandando, de hora em hora a vida melhora. (SIBENE DE CARRO DE POLÍCIA SE APROXIMANDO) E lá acabar sendo o orgulho de

Orinhos! Merda. Lê vem a polícia. Esses caras não tem o menor respeito pela propriedade e pela iniciativa privada. Eu dou o que é meu para quem eu quero. Sou elitosa e vacinada (CONTRACENA COM UM POLICIAL INVISÍVEL)
 Ôpu maior de idade e professora! Vegabunda é a sua mãe, desgraçado! Tira as patas de cima de mim! Me solta, desgraçado! Me largai! Sou puta sim, mas por opção! Por vocação! (OT) Me solta vá, benzinho. Deixe eu ir embora. Se quiser vem comigo. Eu não ligo não. Até que eu gosto dinheiro eu não tenho, mas amor está sobrando no meu peito. - Até para um desgraçado que nem você. S' não me chama de vegabunda que eu fico louca. Puta sim, vegabunda não. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. (P). Como é que é? Eu ? Vai me levar por que? Mas que comércio, cara? Eu estava só conversando com o pessoal. Você está louco, cara! Deram parte? Por causa das coisas q que eu disse? Quer dizer que eu não estou sendo presa como puta? Se é assim, então a conversa é ~~paix~~ outra. A cidade está a seu inteiro dispor. Pode me levar para a delegacia. (PARA O PÚBLICO) É por isso que eu gosto desse civilização. Já fui promovida de corrupta para subversiva. Isso é que se chama subir na vida!

AUTOR :

Fim da terceira cena.

(MUDANÇA DE ILUMINAÇÃO)

CENA QUATRO

AUTOR :

Quarta cena.

ATRIZ :

Calma, calma. Devagar com o andar! Nós fizemos um acordo. Você escreve a personagem e eu interpreto . Está tudo certo. Você inventou a Marly e eu estou tentando dar o seu recado. Mas agora acho que está na hora de parar um pouco e pensar bem no que vai dar esta história. No começo da última cen, eu implorei a você que não fizesse a mocinha cair na vida. Foi tiro e queda: a Marly virou pute em tres minutos. Isso não é colaboração, nem equi nem no inferno. E tem mais: eu não estou gostando nada deste caminho que o texto está pegando.

VOZ DO AUTOR :

Mas não foi você mesma que pediu um texto mais sério, mais " participante"?

ATRIZ :

Mas tamb' em não precisa exagerar! Ou então, assume a responsabilidade sozinho. (PARA O PÚBLICO) Bom. Se ele não mudar a linha de peça, fica claro que eu não tenho nada a ver com isso. Os senhores são testemunhas. Eu estou só avisando.

AUTOR :

Olha aqui! Se o ofício de Marly é dar, o seu é representar, e o meu é tentar por para fora o que eu acho que devo dizer. Vamos enfrentar! Quarta cena:
 UM CHICLETE PARA O DOUTOR

(MARLY ESTÁ SENTADA E DIALOGA COM UM RUIDO DE MÁQUINA

(máquina)

MARLY:

Merly Emboaba. Com Y. (máquina) Solteira. (máquina) 27 anos (máquina)
Durinhos. (máquina) Agenor Emboaba e Encarnação das Cruzes Emboaba (máqui-
na) Hotel Eldorado, quarto 1632 (máquina) Professora (Pausa) Não serve?
Como não serve, se eu tenho diploma (Pausa) Bom. Exercer eu não exerço m
mesmo, doutor . (pausa) Então põe aí: professora na teoria e puta na práx
prática. (máquina) Meretriz, não, doutor. Tudo menos meretriz, Vira isso
deí, por favor. (máquina) Que tal... mundend? Eu gosto muito mais de mun-
danda do que de meretriz. Tem mais classe. (pausa) Obrigado doutor.
(máquina) É a terceira vez que eu sou presa. (máquina) Vadiagem, né?
(máquina) Não, condenada nunca. Sempre me soltaram no dia seguinte. A
vez que eu fiquei mais, fiquei dois dias. No chiqueirinho. (máquina) Eu
dei pro carcereiro, ora... (pausa) Bom... Sabe como é doutor. Instrução
eu tenho. as não sei se eu podia ser outra coisa não. Eu gosto mesmo é
desta vida. Vida fácil como se diz, não é? (máquina) Ninguém, doutor!
Juro por Deus que ninguém me põe idéia na cuca. Tudo que estava dizendo são
coisas que saíam da minha cabeça e do meu coração. (pausa) Mas eu sou m
muito patriota! Tudo aquilo que eu falei, é a pura verdade que eu penso.
(máquina) O senhor acha perigoso ficar falando assim em público? (pausa)
É,.... Eu sei, tem muito.... Que merda, né? (pausa) Desculpe, desculpe dou-
tor. Eu não quis ofender ninguém. Eu respeito todo o mundo que trabalha.
Cada um tem sua função. (Pausa longa) Eu? Bondade sua, doutor.)pausa)
Não sei se eu podia ajudar... Sabe como é, falta de jeito. (pausa)
É claro que eu quero colaborar. É que eu não sei bem o que eu devo fazer.
(pausa) Só isso? Ficar de orelha abertas, sei.... (pausa) Como é que eu vou
saber o que vai interessar, né? (pausa) Sei, sei... Bom, doutor, mas o que
é que eugenho com isso (pausa) Isso de curso é sempre becens. E a gente
recebe carteirinha de estudante para pagar meia no cinema? (pausa) Não
paga nada doutor? Com essa carteirinha a gente entra de graça! Já estou co-
meçando a gostar (pausa) E eu posso continuar na minha profissão antiga?
(pausa) Com toda a liberdade? Sem nunca ser presa. Sem precisar correr de
cana, nada? (pausa) É só mostrar a carteirinha que eles me soltam. (pausa)
E ainda vou ganhar pelo serviço. Quanto doutor? (pausa) Mas o senhor é um
enjo doutor! um enjo caído do céu no aminho de uma decaída. (pausa) Negó-
cio fechado, doutor. Pode contar com os préstimos da cidadã Marly Emboaba!
(DT) Aceita um chiclete, doutor? (máquina) Assine sonda? O que é que diz
aí? (pausa) Nede? Barra limpa, doutor? Genical. Deixe que eu assino ..
(pausa) Pronto doutor. Posso ir embora agora doutor. (,oausa) com o
senhor? Mas é claro, doutor. Com muita honra. Assim o senhor me explique me-
lhor o que eu devo e o que eu não devo ouvir. (pausa) Posso chamar de vo-
cê? Tamos aê, meu chapa. Vamos embora? Acho que a gente vai se dar muito bem.
(pausa) Tá bom. daqui a meia hora no Eldorado? (Pausa, começa a sair, pere)

Como é que é? De carro, doutor? Eles vão me levar de carro? Você é um gênio, neguinho! Estou te esperando. Não demora, tá? (Para o público) Bem que papai dizia, bem que papai dizia: " Tem juízo, minha filha! Deus ajuda quem tem juízo, quem trabalha, quem anda sempre na lei." E eu que duvidava da sabedoria do velho Agenor. Bato na boca. Bato na boca e peço perdão. Papai e mamãe ficariam orgulhosos de mim. Ia ser uma alegria lá em casa se eles soubessem. (para o público) O senhor não ficaria orgulhoso em ter uma filha como eu? Trabalhadora, subindo na vida, ganhando dinheiro, prestígio? Então! É por esses e outra que eu digo pra quem quiser ouvir. Que eu amo esta bocoosta de cidade querida! Esta bocoosta de cidade maravilhosa! Esta bocoostaa de vida que mora dentro de mim! (cai de joelhos) Por este dia de alegria , eu vos agradeço senhor! Por esta hora de paz, eu vou agradeço senhor! Por esta felicidade de poder trabalhar e progredir em liberdade, eu vos agradeço senhor! Pelo apartamento só meu que eu vou poder alugar, eu vos agradeço senhor! Pela profissão que me deste, eu vos agradeço, senhor! Por esta terra maravilhos em que me fizeste nascer, ,il vezes eu vos agradeço senhor! (para o público) Pela atenção de todos vocês que estão me ouvindo, eu vos agradeço senho. (pausa) Pensando bem, é felicidade demais para uma pobre cristã... (puesa Será que eu não estou entrando numa fira? Quando a esmola é muita... Não. Eu sei que não pode ser mentira. O sento se quiser que desconfie. Eu confio! Eu confio! Eu confio! Eu confio no meu futuro! No futuro de minha terra! No futuro da minha vida!

AUTOR :

Fim da quarta cena. Quinta cena.

(MUDANÇA DE ILUMINAÇÃO)

CENA 5

ATRIZ:

(NA MESMA POSIÇÃO DA PERSONAGEM)

Eu desconfio, desconfio, desconfio cada vez mais do futuro desta peça. Do futuro do autor da peça, do futuro da personagem da peça, e, ai de mim, do futuro da atriz da peça. Dai-me forças, Senhor para levar este espetáculo até o fim, ~~Amém~~ Senhor. Dai-me forças senhor, para carregar esta Marly até o seu destino. E dai-me forças, Senhor, para que eu consiga confiar um pouco de bom senso na sabedoria do autor desta história. Amém.

AUTOR :

Quer fazer o favor de parar de se lamentar!

ATRIZ:

Mãe-agradecido. Eu me arrependo aqui para apresentar o raio da sua Marly e você ainda reclama!

AUTOR :

Quem está reclamando é você! Se você não gostava da peça não precisava pegar o papel. Mas agora vê se não enche, tá? E tem mais. Quem está cansado agora sou eu . A próxima cena você improvisa porque não vai ter texto. Te ~~Amém~~ vira. Eu volto para a cena seguinte.

(O AUTOR SI E FICA JUNTO DO PÚBLICO)

ATRIZ :

Não improviso coisa nenhuma que isto aqui não é talvez nem criação coletiva! Você não vai me largar na mão, assim sem mais essa! (peusa) Psiu, hei, seu autoor? Volta aqui, cara. Não seja coverdel! (peusa) Merda de rprofissão! São todos uns irresponsáveis! (peusa) (Para o público) Mas ele me paga! Vocês vão ver só o que eu vou ~~apresentar~~/ apronter com a personagem dela. É agora quer eu me vingó. Quer que eu improvise, muito bem. Depois ele que se vire. Deixa eu ver... (pausa) Primeiro ele apresentou a Marly como uma mezinha burra. Depois ele faz ela cair na vida sem mais essa. É como se não bestasse promoveu a putinha a alcaguete. Ela lógica eu imagino como é que ele pretendia tocar a peça. No mínimo fazendo a Marly se aproximar por um estudante terrorista. ra criar o conflito: entrega não entrega, deda, não deda, coração versus profissão! (pausa) Aqui ô! Ve l-a se eu na passo para um melodraminha barato desses. Ele que se prepare! O show continua! Apaguem as luzes. Passagem de c ens. Agora quem manda sou eu.

ATRIZ:

(IMITANDO) A VOZ DO AUTOR) Quinta cena: A FILHA PRÓDIGA;

(Mudança de iluminação)

MARLY :

(ESCREVENDO UMA CARTA) São Paulo, tanto de tanto de mil novecentos e tanto. Mesu queridos pais. Espero que este os encontre vivos e gozando de ótima saúde.

AUTOR :

Acho que assim é melhor. Um começo bem protocolar.

TEATRO DE ARENA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

MARLY :

(ESCREVENDO) Sei que sou uma filha ingrata que fugiu de casa há mais de cinco anos e nunca deu notpicias. Desculpem.

AUTOR :

Agora é bom fazer logo um drama para eles ficarem felizes com a sua desgraça.

MARLY :

(ESCREVENDO) A vida foi muito cruel com a vossa pobre filha e eu paguei um preço muito caro por todo o sofrimento que fiz vocês passarem. Sei que vocês me progurarem. Um dia, ouvi no rádio um daqueles ~~aviso~~/ avisos de pessoas desaparecidas que a família anda strês. Fiquei muito triste mas tive vergonha de voltar para Durinhos com medo de que vocês descobrissem a vida irregular que eu estava levando, manchando o nome honrado dos Embosbas. Por isso não escrevi. Mais uma vez, mil vezes perdão. De joelhos e chorando de remorsos eu peço que vocês perdoem a vossa pobre filha perdida.

AUTOR :

(para o público) ótimo, acho que eles vão entender tudo. Nessa altura já devem ficer chorando. A senhora não ia chorar se recebesse uma cartinha assim de sua filha? Então. Eu juro que a mãe dela vai abrir um bué deste tamanho.

MARLY:

(RELEND) De joelhos e chorando de remorso eu peço que vocês perdoem a vossa

pobre filha perdida. (escrevendo) Só depois que si de casa, aprendi a dar valor ao carinho e a segurança que vocês sempre me deram. Eu estava mesmo muito louca quando abandonei o lar...

AUTORA :

Isso! O lar é ótimo!

MARLY :

.... o lar em que nasci.

AUTOR :

Agora é melhor você contar alguns detalhes para que eles acreditem no resto. Vamos ver.

MARLY :

(ESCREVENDO) Logo que cheguei a São Paulo, consegui um emprego de caixeira na Casa Sloper. Fui morar numa pensão familiar, só para moças. Como eu ganhava muito pouco, o dinheiro mal dava para a pensão e para a comida. Então resolvi estudar a noite. Fiz um curso para secretária e um depois arranhei um lugarzinho melhor no Bradesco.

AUTOR :

No Bradesco não. É melhor não dizer em que bando, porque eles podem conferir.

MARLY :

(escrevendo) Um lugarzinho melhor num grande banco. Foi lá no Bradesco...

AUTOR :

(Para o público) Merda! Agora fica Bradesco mesmo!

MARLY :

Foi lá no Bradesco que eu conheci o Herculano, um moço muito fino que me seduziu com belas palavras.

AUTOR :

Isso. Seduziu é bom.

MARLY :

(escrevendo) Ele era assistente de relações públicas do banco e eu pensei que fosse um moço sério. Só depois.... (pausa) só depois eu percebi que ele me havia tratado como uma moça leviana. E o que é pior: descobri que o Herculano era casado e que tinha três filhinhas. Vocês não podem imaginar a humilhação que a vossa pobre filha passou. Deixei o Bradesco e fui trabalhar... (pausa) onde, meu Deus ? (pausa)

AUTOR :

Já sei! Você foi trabalhar na Editora Abril; graças aos seus sólidos conhecimentos de português, você conseguiu uma vaga na revista CApricho, onde você era muito estimada pelos seus chefes e colegas. Agora vamos direto ao assunto.

MARLY :

(escrevendo) Fiquei noiva de um ótimo rapaz e pretendemos nos casar no mês que vem. Ele se chama Leonardo. Mesmo sabendo que eu tinha sido (pausa) tinha sido seduzida, ele me tirou da vida de amargura que eu estava levando. O Leonardo é doutor em direito e ocupa um importante cargo público como titular de uma delegacia de capital. É uma profissão difícil e sacrificada.

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTF Nº 1020

Mas ele exerce com muita dedicação.

AUTOR :

Pronto. O importante era isso. Agora é terminar.

MARLY :

(escrevendo)guardo ansiosa notícias de vocês. Já encomendei meu vestido e noiva e gostaria muito de poder casar el em Gurinhos. O Leonardo está de acordo e manda dizer que terá muito gosto em conhecer os pais da moça que escolheu peraser a mãe de seus filhos. Respondem logo. Meu endereço é:Hotel...

AUTOR:

Pensão Familiar!

MARLY :

Pensão Familiar Eldorado,Rua das Palmeira 990. Beijos para os tios e para os primos. (pausa) Assinado (escrevendo) Marly emboaba.

(Mudança de iluminação)

ATRIZ :

Pronto. Recuperei a Marly para a sociedade. "siu na vida, saiu de vida. Puta morte, dona-de-casa posta. Fim da quinta cena. É autor que se vira agora para continuar.

AUTOR :

O autor comovido agradece. Você recuperou maravilhosamente a Marly. Melhor impossível. Ve lê se eu era capaz de escrever uma carta daqueles. ⁵⁰o mulher MESMO; E bem enquadrada!

ATRIZ :

Qual é a sua, o mal-egradecido? Vai partir para ofensa agora? Sem essa! Eu fico me matando aqui para defender a sua personagem e ainda me vem com gozação. Quer saber do que mais? Na próxima cena quem vai improvisar é você! Passar bem! (para o público) Quero ver como é que ela se vira agora! Cena sem texto a gente inventa. Quero ver agora é cena sem ator.(Fica junto do público) Os senhores não acham que eu tenho razão? Tem cabimento uma coisa desses? (pausa) Como é? Vai demorar muito? Agora eu sou o público. Vail Toca a peça sozinho, carai

AUTOR :

Sexta cena: A FORÇA DO DESTINO.

(Mudança de iluminação)

A atriz está na platéia. Foco de luz sobre a atriz, que durante a cena va vai assumindo o papel da personagem Marly.

AUTOR :

(lendo) Gurinhos, tanto de tanto de mil novecentos e tanto. Minha querida filha. Foi com grande alegria que sua cartinha chegou à às minhas mãos. Há tanto tempo que não t-ínhamos notícias suas! Que felicidade receber uma missiva com notícias tão boas! Que alegria saber que você vai se casar, e mais ainda, aqui na sua cidade, na matriz onde você foi batizada e fez a sua primeira comunhão. Todos temos a certeza de que você será uma noiva linda. Mas o que me deixou mais contente ainda, foi saber a profissão do seu futuro marido: delegado! Nos dias de hoje, nada melhor para uma moça

fraca e indefesa do que o casamento com um homem de posição forte e inatacável. Você será recebida de braços abertos pelas suas antigas colegas que estão muito curiosas para conhecer o doutor Leonardo. E o nosso vigário, com quem já falei, mandou dizer ao doutor Leonardo que a Igreja estará de portas abertas para a realização da cerimônia, no dia e na hora em que ele determinar. Com flores e o Coral da Congregação Mariana para cantar em homenagem ao doutor Leonardo e a você. Bem, minha filha, permita chamá-la assim, como chamo a todas as minhas antigas alunas. E agora que já dei tantas boas notícias, ~~que~~ é com o coração partido de dor que preciso continuar esta carta. Como eu lhe disse no começo. Mãos caridosas fizeram chegar até mim a sua cartinha. O seu Zezinho correio quando viu no envelope quem era a remetente, teve a bondade de enviá-lo a sua velha professora. Pois é, minha filha. A vida é assim mesmo. O homem põe e Deus dispõe. Como dizia o profeta no Velho Testamento, Não há nada de novo entre o céu e a terra. Sendo assim, os seus pais morreram. E Deus os tenha na sua glória. Como você agora é uma órfã de pai e mãe, eu não gostaria de lhe transmitir tantas notícias desagradáveis de uma vez só, mas acho melhor que você saiba ~~de~~ ~~tudo~~ ~~de~~ ~~tudo~~ logo de tudo. Seu querido pai, o falecido Agenor, de santa memória, teve uma morte muito triste, minha filha. Desde que você partiu, ele ficou desesperado querendo notícias suas. Procurava saber com todo o mundo que vinha de São Paulo se havia visto você ou ouvido falar de você. Ele tentou de tudo: escreveu até para os jornais e para as rádios. Mas você sabe como são estas e cidadeszinhas do interior: todo o mundo gosta de falar mal da vida dos outros. Então andaram espalhando um boato horrível pela cidade: de que você, como é que vou dizer, esteve levando uma vida muito desregrada em São Paulo. Seu pai ficou desesperado. E sua mãezinha nem sabia mais de casa de tanta vergonha. Ah, o falecido Agenor perdeu a paciência e resolveu tirar tudo e limpo de uma vez por todas. Procurou o doutor Robervaldo Amendoeira, que é o atual delegado da nossa cidade, e pediu ajuda da polícia para localizarem o seu paradeiro certo, e sua profissão e tudo o mais. O dr. Robervaldo disse a ele que ia fazer o possível, entrar em contato com os delegados aí em D. Paulo, que são muito amigos dele. Um dia, fazem uns três meses, o dr. Robervaldo chamou o falecido Agenor na Delegacia. Não se sabe o que elas falaram, porque foi uma conversa a portas fechadas e durou muito tempo. Nesta mesma noite, ninguém sabe porque, seu pai perdeu a cabeça. Ele, que nunca teve nenhum vício, parece que se excedeu um pouco demais na bebida e acabou caindo da ponte do rio Jacutinga. Só encontraram o corpo dele três dias depois. Mas já era tarde demais. Na véspera, sua mãezinha tinha morrido do coração. Os dois foram enterrados juntos, numa cerimônia muito bonita. Você sabe como eles eram queridos na cidade! Na hora do sepultamento, o frei Benevides fez um lindo sermão sobre o amor filial. Para falar a verdade, minha filha, o povo estava dizendo que a culpada por toda aquela tragédia era você. Eu fui das poucas que te defenderam. Graças a Deus, vejo agora que a razão estava comigo. Já mostrei a sua cartinha para a cidade inteira. Todos ficaram

surpresos, principalmente o doutor Robervaldo, não sei porque. Aliás, ele pede que eu mande um abraço para o doutor Leonardo. Parece que eles são velhos amigos. Desculpe ter sido a portadora de notícias tão tristes, minha querida Marly, mas quero ser também a primeira a cumprimentá-la pelo seu enlace. Seus pais ficariam muito orgulhosos de você, se ainda estivessem junto de nós. Venha logo. Escreva sempre dando boas notícias para a sua amiga e professora,

Ofélia Lobato.

P.S.: Nossa Matriz tem um órgão novo. O som é lindo. Você vai adorar.

AUTOR :

Fim da sexta cena.

(mudança de iluminação)

ATRIZ :

Puxa a vida... Você não precisava ter feito isso com a coitada da Marly. Ela estava tão feliz com a idéia do casamento.

AUTOR :

Desculpa, mas não tinha outro jeito. Eu sei, que por você ele ia mesmo acabar casando com o tal de Leonardo. Mas assim, sem mais essa?

ATRIZ :

E por que não? Ele não estava gostando dela? Então? Podia muito bem deixar ela casar. Ia ser um ótimo final para a sua peça.

AUTOR :

Mas você ache que a Marly ia mesmo gostar de acabar casada, enquadrada, mulher de delegado, mãe de três filhos e sei lá o que mais???

ATRIZ :

Pois é claro que ia. Ou você ache que este não é o sonho de toda a puta que se preze? Queris sim! É muito! De vau e grinalda. Na matriz de Durinos. Pisando em cima de toda aquela cidade. Ia ser a glória de vida dela! Mas você estragou tudo. Além de meter o pai e a mãe da menina, ainda jogou A CULPA ENCIMA DO NIVÓ; Como ele vai fazer agora que foi o Leonardo que deu o serviço para o pai dela?

AUTOR :

Eu não sei nada. Você conhece a Marly tão bem quanto eu. Se ela gostar mesmo do cara e estiver a fim de casar mesmo com ele, pode muito bem passar por cima de tudo e ir em frente. Como você quer. Senão...

ATRIZ :

Senão o que? Vai fazer ela beber formicida, váá? Vai fazer ela morrer de gonorréias? Vai fazer ela matar o delegado e virar notícia de jornal? Se você está com raiva da Marly, mata ela logo de um vez e acaba com este sofrimento, pô! Já estou cheio! Fez o que você quiser com ela, mas fez logo, tá!

AUTOR :

Não precisa ficar com raiva. Eu também gosto da Marly tanto quanto você. Foi muito difícil para mim escrever aquela última cena. Só que voltar para trás não dá mais... O jeito é encontrar uma saída.

ATRIZ :

Mas que saída? Você deixa a coitada sem pai, sem mãe, sem noivo, sem vau, sem grinalda e ainda quer ajeitar a situação!

AUTOR :

Sem noivo, não. Nada impede que a Marly ainda acabe cessando com o Leonardo. Se você acha que esta é a melhor solução para ela...

ATRIZ :

Acho sim! Acho e acho muito! Nem que você tenha que inventar um melodrama maior ainda para salvar a infeliz. Quem pariu Marly que a embele. A possibilidade é toda sua. Vê lá o que vai acontecer agora.

AUTOR:

Sétima cena: A VIDA É BELA... SEIS ANOS DEPOIS.

Marly está na mesma posição em que terminou a cena anterior.

MARLY :

(pausa) Caso, não caso, caso, não caso... Esta questão! Agora é até engraçado pensar que eu fiquei um tempo danado duvidando. Caso, não caso... Bem me quer, mal-me-quer... Ou dá ou desce. Casei, bem me quis e dei! Na minha terra tem um provérbio que diz: "avida é bela, a gente é que empeteceia" Quase que eu empetequei a minha. Quando recebi aquela amaldiçoada carta da sante dona Ogélie : que Deus a tenha, já faz dois anos que morreu - quesse endoidei. Eu, Marly Emboaba, mulher da vida e vivida, que dez anos de vida valem mais do que trinta fora dela, quesse endoidei. Pensei em tudo: me matar com formicida, morrer de gonorréia e até mesmo sair com a cara estampada na primeira página das NOTÍCIAS, com aquelas letronas em cima: ALCAGUE TE MATA DELEGADO E SE SUICIDA. Cheguei mesmo a spronter tudo. Comprei a formicida. Sas bossi! Estava tudo preparado. Comp e bilhete: (tira o bilhete da bolsinha) " A quem possa onteressar: eu, Marly Emboaba, professora, alcaguete e puta, morro como uma cadela abandonada por culpa exclusiva do excelentíssimo senhor doutor Leonardo Aregão. Beço aos policiais que encontrarem o meu corpo a caridade cristã de enviá-lo a Gurinhos, aos cuidados de dona Ofélia Lobato, que providenciará meu sepultamento junto aos meus pais. É o único favor que peço. Em paga podem ficar com as minhas coisas. Vitrola, televisão e todos os baduleques que comprei. E se quiserem morer aqui, bom proveito. Tem tres meses de aluguel pago em depósito. Morro como vivi: sem fiedos! " Aí eu pensei: ou a Marly acaba com a formicida, ou a formicida acaba com a Marly . E comecei a riri do que tinha pensado. E a rir mais ainda do que tinha pensado em fazer. JOguei a formicida na privada e chuê: acabei com a formicida eme salvei. Aí, já que eu tinha escapeado mesmo, resolvi partir para uma de machona: vou acabar com a reça daquele desgraçado. Tudo isso sem ter falado com ele ainda. Pedi emprestado uma navalha para uma colega de praça. Ele nem perguntou para que. (TIRA A NAVALHA DA BOLSINHA) Nessas horas é que a gente sente o quanto vale a étice profissional. recisa de navalha. Está aqui a navalha, eÉ boca de siri. Me tranquei no meu quertinho do MO Eldorado e fiquei só esperando o safado

chegar. A raiva era tanta que a minha imaginação se soltou adoidada. Eu via o meu pai morto no rio e a minha mãe gritant: Agenori Nonô! Nonô!. E depois o corpo dele sem olhos, roído de peixe. E de repente, não era mais ele, era o Nirinho, morto de desastre, com a cara arreventada de vidro. Eu também não era mais eu. Era minha mãe e era a Mariazinha de novo. Tudo isso me deixando com mais febre de matar o Leonardo e me matar depois. Ou não me matar. Voltar para Durinhos e matar mais gente ainda: matar o dr. Robervaldo. E o tal de frei Benevides, que aprontou o sermão sobre o amor filial. A navalha estava debaixo do travessão. Quando ele chegasse, eu ia curtir muito a morte dele. Eu ia curtir cada palavrinha dele. Eu ia curtir cada gesto dele. Cada respirada que podia ser a última e ele nem sabia. Então fui para a frente do espelho e me botei boneca. Mais boneca do que nunca. Linda de endoicar apesar do ódio ou por causa dele mesmo. Eu ia fazer aquele cara ficar alucinado. Tarado. Roxo. Esta imaginação! Depois eu me via na cama com ele e a navalha. E de repente não era mais ele. Era o Nirinho. Não era a cama. Era o capim do pesqueiro do pai do Nirinho. E não mais São Paulo nem o HQ, nem a merda do meu quartinho. Era Durinhos, era sol, era domingo e eu estava de novo muito doída e muito feliz, dando para o filho do prefeito. Foi nessa hora que o Leonardo chegou. Justo nesta hora. No momento exatê em que eu estava dando de novo para o Nirinho. Na hora do sol. Na hora do domingo! Na hora da maior alegria da minha vida! Pulei da cama e me atirei em cima dele. Rindo, rindo, rindo. Sem ódio e sem navalha. Deus é grande! Deus é muito grande! Deus é enorme! E o Leonardo teve um rabo que eu vou lhes contar. Chegar na horinha certa. Nem um minuto antes nem um minuto depois. A vida é bela e quase que eu empeteço ela. Escapamos os dois. Pulamos na cama. Pulamos no amor e pulamos na vida. Só depois é que ele viu a navalha debaixo de travessão. Não falou nada. Levantou da cama, foi pegar o pelotô no chão e tirou debaixo uma caixinha embrulhada para presente. (ESSA AQUI) (TIRA A CAIXINHA DA BOLSA) Ele perguntou se eu queria vender a navalha. Eu disse que não, que era emprestada. Então, ele perguntou se eu topava trocar a navalha pela caixinha. Eu olhei bem para o jeito dele. Nu, de pé com a caixinha na mão. Eu pensei: foi ele quem matou meu pai e minha mãe. Mas se eu quiser, posso não falar nada e acabar me convencendo que não foi ele. Eu sei que não foi ele, eu sei que não foi ele, eu sei que não foi ele, que não foi ele, que não foi ele, que não foi ele! Fechei os olhos com força e gritei para dentro: não foi ele! Quando abri os olhos, o Leonardo continuava lá, pelado com a caixinha na mão, sozinho e bonito como um menino Jesus. Eu, que sempre li muita fotonovela, adivinhei logo o que tinha no pecotinho. Topei o negócio. Uma navalha por uma aliança. Tomei lá, dê cá. Uma vingança por uma esperança. Uma alegria por uma felicidade. Uma profissão por uma situação. A aventura pela compostura. Tomei lá, dê cá! Numa mão uma navalha. Na outra uma aliança. Aqui o silêncio.

Ali o remorso. Aqui o passado. Ali o futuro. Aqui MARly. Ali ninguém.
Parei, pensei e pela primeira vez na vida agi como uma grandíssima puta.
"Toma lá, dá cá. Negócio fechado! (OLHA PARA O RELÓGIO) Bom.... Agora des-
culpe gente, mas está na hora das crianças voltarem do colégio e eu pre-
ciso voltar para casa.

(RUIDO DE MAQUINA DE ESCREVER)

AUTOR :

Fim!

ATRIZ :

(GRITANDO) Eu não queria que acabasse assim.

AUTOR :

Nem eu.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 = CEP 90000

FIM